

O FANTASMA EVANGÉLICO: ANÁLISE DO IMAGINÁRIO RELIGIOSO DE UM BISPO DE GOIÁS

Eduardo Gusmão de Quadros¹

Resumo: No ano de 1918, o bispo de Goiás D.Prudêncio Gomes da Silva publicou uma carta pastoral “Sobre o protestantismo”. Alguns anos antes, um casal de missionários ingleses havia se estabelecido na capital do Estado e em 1914 fundavam a primeira Igreja Cristã Evangélica. Nesta comunicação, analisaremos o conjunto de representações, valores e estratégias invocados naquela carta para o combate ao protestantismo. Veremos as apropriações feitas a partir do debate teológico europeu, a posição episcopal perante a liberdade religiosa e a relação da religião com o discurso nacional. Por outro lado, demonstraremos que há pontos em comum entre o catolicismo romanizado e a pregação protestante.

Palavras-chave: Catolicismo, Conflito Religioso, Protestantismo, Goiás

1. Para autores como Pierre Bourdieu, o bonito discurso da igreja sobre o “amor ao próximo” não é muito convincente. Essa mensagem não pode ser totalmente rejeitada, pois está inserida no conjunto de trocas simbólicas que regem a sociedade, contudo ela está submetida ao imperativo do conflito. O campo religioso, afirma o autor, “deriva sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só pode organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas...” (BOURDIEU, 1973, p.30). O antagonismo da sociedade, portanto, torna-se inserido nas representações religiosas, levando-as tendencialmente para o campo da política, para a “diferenciação social e legitimação das diferenças” (id., p.31).

Apesar da ênfase dada pelo famoso sociólogo francês, podemos inverter um pouco seu raciocínio e considerar, ao menos como hipótese, que a religião pode fornecer bases para as relações sociais. Scott Mainwaring, partindo de Weber, defende inclusive que “uma igreja poderá renunciar benefícios financeiros, prestígio, expansão institucional e a outros interesses se sentir que sua missão religiosa a obriga agir dessa maneira” (1989, p.24). Ou seja, a esfera religiosa possui regras próprias, uma lógica

¹ Doutor em História na UNB. Professor da PUC Goiás e da UEG Goiás. E-mail: eduardo.hgs@hotmail.com

específica, reprodutora ou não dos conflitos sociais. A fraternidade ensinada, as vezes, pode superar as diferenças, questionando-as ao invés de sempre legitimá-las.

Nesse artigo, não precisamos fechar, a princípio, com nenhuma dessas duas perspectivas. O princípio do conflito é evidente, pois analisaremos uma Carta Pastoral escrita contra o protestantismo. O documento apresenta uma *política* de combate e essa postura, anterior à sua redação, está moldando o conteúdo apresentado. As informações históricas e teológicas, independente de sua "verdade", tornam-se armas que destruiriam o inimigo. Essa, inclusive, é a razão de ser do documento. Por outro lado, o que move a pena episcopal é o amor, em primeiro lugar pelo seu rebanho e, em segundo, pelas almas que a heresia protestante estavam retirando do aprisco do Senhor. Defender a verdade, desse ponto de vista, sim, é um ato de misericórdia e justiça (o famoso lema do Tribunal do Santo Ofício). Não é só uma questão de competição, ou o medo de perder fiéis, trata-se de ensinar com clareza a doutrina da igreja, de cumprir sua sagrada missão.

Entendemos que a carta pastoral expressa mais que um combate doutrinário, portanto. Ela expressa um modo de significar o mundo que apresenta duas cosmovisões em conflito. Trata-se de um imaginário no sentido que Castoriadis o definia: um conjunto de significações que institui o real (CASTORIADIS, 1986). Para as significações possuem tal poder, certamente, eles devem ser envoltos por crenças, mesmo que aquele autor não destaque este aspecto. Para nosso estudo, isso é importante, pois na esfera religiosa crer e saber costumam andar de mãos dadas. O discurso pastoral expressa tal saber, articulado logicamente a partir das crenças.

Outro ponto relevante está na interface entre representação, imaginação e real que o conceito de imaginário promove. Assim, veremos que fantasmas do "velho mundo" foram transportados para o interior dos sertões do Brasil. O inimigo construído discursivamente envolve afetos que redimensionam a luta, geralmente engrandecendo o empenho do desafiante.

2. A preocupação com a presença de outras confissões cristãs não era nova no ministério de D. Prudêncio Gomes da Silva. Desde que fora ordenado bispo da Diocese de Goiás, ele pede para que os sacerdotes prestassem atenção na presença de

missionários evangélicos² e de Bíblias protestantes (SILVA, 1908). Em relação a estas últimas, ele fez de próprio punho um artigo no jornal diocesano *O lidador*, alertando contra as "fraudes" que contém³. Depois, na quarta Pastoral, publicada em 1913, ele enviou uma enquete aos padres, perguntando: "Se há acatólicos nessa freguesia, quantos e de quais seitas; (...) se praticam aí o espiritismo; se entram livros, revistas e jornais acatólicos, ímpios ou obscenos..." (SILVA, 1913). Infelizmente, não conseguimos mais encontrar os dados gerados pelo cuidado inquiridor de sua eminência.

Esse contato com o protestantismo deve ter ocorrido há tempos em Minas Gerais, onde nasceu, foi ordenado e exerceu os primeiros anos de sacerdócio. Era daquela região que vinham os missionários evangélicos para Goiás, muitas vezes estrangeiros, bem como os vendedores de bíblias protestantes (chamados geralmente de "carlporters").

O primeiro que identificamos nas terras goianas morou muito tempo no triângulo mineiro, mantido por missões presbiterianas. Dali o Rev. Boyle fazia incursões periódicas ao sul de Goiás. Em 1888, esteve alguns dias na capital do Estado e foi bem acolhido, principalmente devido a seus bons contatos com a maçonaria. Era governador, então, o igualmente maçom Leopoldo de Bulhões, que teve diversas rixas com as autoridades eclesiásticas. Devido a esses conflitos, chegou a pregar no Teatro São Joaquim para boa quantidade de ouvintes. Empolgado, o reverendo escreveu em seu diário de viagem: "O Brasil está cheio de protestantes". Só faltam "professar sua fé, (que) poderíamos organizar igrejas evangélicas" (apud RIBEIRO, 1981, 77)⁴.

Essa suposta "tendência" ao protestantismo devia-se a carência de padres, a certa independência religiosa em relação a hierarquia e a curiosidade que os estrangeiros geravam. Além disso, os americanos e ingleses representavam a "civilização", o progresso, a modernidade, seja para a elite instruída seja para a população mais simples. Eram, destarte, admirados, apesar dos padres alertarem contra eles. A pastoral coletiva

2 Utilizamos o termo evangélico como sinônimo dos grupos que advém historicamente e teologicamente dos movimentos de reforma do cristianismo durante o século XVI, denominados igualmente de protestantes. Não seria o lugar aqui de discutir esse conceito, já tendo sido feito por outros autores (MENDONÇA, 1991).

3 *O lidador*, 1 de janeiro de 1909, p.2. Este jornal foi criado pelo bispo, publicado inicialmente em Minas quando ainda era padre e depois transferido para Goiás.

4 A obra de Boanerges Ribeiro (1987, pp.74-94) transcreve diversos trechos desse diário, publicado originalmente em 1899 no jornal *The missionary*.

de 1910, documento que serviu de regimento para a igreja daquele período, classificava como "pecado mortal" qualquer contato com os protestantes e com sua literatura⁵.

Outro missionário passou vários meses na capital goiana, apesar de não ter fixado residência ali. Nos idos de 1905, o médico inglês Frederick Glass batizou algumas pessoas da cidade, destacando-se um preso que mais tarde tornou-se diácono da Igreja Cristã Evangélica. Esta igreja foi fundada em 1914 e tinha como pastor o também médico inglês Archibald Mctyre. É contra sua atividade que D.Prudêncio parece mirar mais especificamente na sua carta pastoral.

3. Há outro fato importante também naquela época. O caso foi inclusive citado no texto da pastoral: um padre da Diocese teria passado para o lado protestante. A princípio, pensamos ser o promissor sacerdote, na época, Vitor Coelho de Almeida. Verificando seus dados biográficos, porém, conferimos que ele deixou a igreja católica em 1913 e só aderiu ao protestantismo em 1919, depois da redação do documento (cf. COUTINHO, 1999, p.128 e 134). Trata-se de um padre estrangeiro (SILVA, 1918, p.3), que não conseguimos identificar o nome.

De qualquer modo, esses casos parecem ter sido relativamente comuns, havendo uma grande propaganda a respeito. O considerado “primeiro pastor brasileiro”, inclusive, tinha sido sacerdote católico: José Manuel da Conceição. Depois de aderir à igreja presbiteriana, ele voltou à região em que trabalhava, passando a ensinar suas novas crenças religiosas (SOUZA, 2011).

O fato auxiliava o crescimento e a difusão da mensagem evangélica. Conforme os dados apresentados pelo bispo, havia quatro ou cinco paróquias com presença evangélica em 1907 e dez anos depois cerca de 14 paróquias já estavam infeccionadas com o “vírus do protestantismo” (SILVA, 1918, p.2). A linguagem médica utilizada⁶ demonstra a postura episcopal de curador das almas. Salvação e saúde possuem a mesma raiz etimológica, estando intimamente relacionadas na teologia clássica. Muito se fala da dicotomia entre corpo e alma do cristianismo, mas eles permanecem

5 Esse documento foi publicado em diversas partes pelo jornal *O lidador*. O trecho acerca do protestantismo encontra-se na edição do dia 09 de novembro de 1911, p.1.

⁶ Na quarta Carta pastoral, de 1915, D.Prudêncio já referia-se ao perigo do “contágio com escritos e reuniões que tratem dos nterreses da seita, ainda que por simples curiosidade e distração (SILVA, 1915, p.39).

relacionados, pois o pecado causaria doenças e os sacramentos traria a cura em ambos os “níveis”. Por sinal, tal relação tornou-se mais acentuada durante o século XIX, afirma Alain Corbin (2008, p.60).

Mas essa idéia de um vírus protestante também remete à idéia de invasão perniciosa e de um crescimento sem razão ou lógica. D.Prudêncio não vê como aquele mal e seu conjunto de erros poderiam prosperar. Pelo espírito de Deus não podia ser, restando a alternativa das forças malignas. Não o diz claramente, é verdade, falando apenas do “espírito de rebelião”, ou seja semelhante ao de Lúcifer, que guiaria os reformados desde Lutero (SILVA, 1918, p.5).

Foi dessa forma que ele iniciou seu combate : com uma argumentação histórica.

4. Seu intuito era demonstrar o que seria verdadeiramente o mundo protestante. Traça, então, um quadro histórico falando dos fundadores do movimento na Europa. Sua concepção historiográfica é providencialista, com Deus guiando os acontecimentos. Inspira-se - citando diversas vezes - a obra do bispo Bossuet. Ela é a fonte para descrever os principais personagens do protestantismo: Lutero, Melancton, Zwinglio, Calvino, até Henrique VIII.

Destarte, ele faz dos dados históricos uma plataforma politico-religiosa. Narra com fidelidade os principais fatos, sempre expressando sua visão com os adjetivos. A redação não pretende ser científica ou objetiva simplesmente, mas guiar com juízos de valor verdadeiros. Como veremos adiante, essa característica relaciona-se à cosmovisão de D.Prudêncio, sua posição enquanto ministro de Deus perante a sociedade.

Assume-se que há diversas comparações, implícitas ou explícitas, retiradas da própria teologia cristã. Já falamos da aproximação entre Lutero e Lúcifer. O orgulho era o principal traço da personalidade de ambos (SILVA, 1918, p.6). Zwinglio, Calvino e Anabatistas: todos desrespeitam a autoridade e a ordem do que Deus criou. Ao invés de serem lembrados, são “uma vergonha para os protestantes” (p.7). Com tais fundadores, como esses grupos religiosos poderiam ensinar algo bom? Nessa concepção de história, as origens ruins gerariam um futuro pior.

Mesmo assim, esse “monstro de muitas cabeças” (p.7) chegou ao Brasil. O bispo está bem informado, falando da história da Igreja Evangélica Fluminense, da Igreja Presbiteriana, dos Batistas, dos Episcopais. Inclui ainda em sua história, as igrejas

surgidas entre os imigrantes (luteranos para os alemães e anglicana para os ingleses). Sua intenção, contudo, não é ser exaustivo, nem convencer pela erudição. Ao descrever as “cabeças do monstro”, ele ressalta sua competição, suas divisões internas e divergências. Assim, como tais grupos poderiam trazer a verdade?

5. Bem diferente era o catolicismo. Claro que, nessa narrativa histórica, a doutrina da Igreja Católica Romana como verdadeiro lugar da revelação divina estava implícita. Ela possui um chefe supremo respeitado por todos. Esse chefe, por sinal, fora completamente desrespeitado por Martinho Lutero, que negou “a infalibilidade do Papa em matéria de fé” (SILVA, 1918, p.15). Como se sabe, tal dogma só fora estabelecido realmente no século XIX, nas últimas sessões do Concílio Vaticano I. Por que D.Prudêncio diz isso? Teria o bispo cometido um grande anacronismo?

Tal idéia poderia ser levantada se não existisse uma concepção eclesiológica por trás. A infalibilidade papal ou ascensão de Maria em corpo em alma poderiam ser dogmas reconhecidos recentemente, mas, antes de tudo, são verdades eternas. A igreja de Deus não muda, não inventa novas doutrinas, como fazem os grupos protestantes. Essa verdade, por sinal, é a base da unidade universal, ou seja, católica, ao contrario das seitas evangélicas que parecem se multiplicar como células cancerígenas.

Sim, o protestantismo adoce o corpo social. O bispo de Goiás não acusa o poder dos dólares norte-americanos pelo crescimento, nem relaciona a mensagem evangélica com o imperialismo, como boa parte da literatura polêmica gerada pelo catolicismo da época (cf.GONÇALVES, 2010). Para ele, a doença corrói por dentro, minando os fundamentos da verdade e da união harmônica entre as pessoas.

Ele ressalta bastante, aliás, a divisão como um problema grave. Adentrando nas querelas dogmáticas, aborda a leitura individual da Bíblia como um grande empecilho para o conhecimento da verdade. Como pode um mesmo livro gerar tantas interpretações diferentes? Um mesmo texto não divide as denominações evangélicas? Em meio a tal confusão o espírito de Deus não pode estar. O mundo divino, no imaginário do bispo, é feito de certezas, não de dúvidas.

Assume-se que “a leitura e a interpretação individual da Bíblia não são o meio escolhido por Jesus Cristo para conduzir os homens ao conhecimento e a prática de Sua Religião” (p.9). Ele utiliza, portanto, das próprias “armas protestantes”, ou seja

referências à vida de Jesus, para legitimar as doutrinas católicas.

Utiliza ainda uma referência ao líder maior do protestantismo, Martinho Lutero, para apresentar as dificuldades do estudo bíblico (p.11). Quer virar o feitiço contra o feiticeiro, demonstrar as contradições e a inviabilidade de tais noções. A “autoridade” das escrituras remete ao respeito às autoridades eclesiásticas. Os evangélicos não seguem seus pastores afinal? Seria impossível a tal interpretação individual, pois ela é sempre institucional e os grupos protestantes não o assumem. Terminam enganando o povo simples....

6. Disso resultam os maiores problemas causados pela infestação protestante: o indiferentismo e o fanatismo (p.12). O primeiro é um mal que se alastra pelos campo goianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Encruzilhadas do labarinto (vol.1)* . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- COUTINHO, Sérgio Ricardo. *O ex-padre: a trajetória política e religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)*. Brasília: Editora Ser, 1999.
- GONÇALVES, Carlos Barros. *As polêmicas antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX*. Revista Fronteiras, UFGD, vol.12, num.21, 2010, p.151-179.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MENDONÇA, Antonio G. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1991.
- SILVA, D.Prudêncio Gomes. 1908, 1913, 1915, 1918.